

## **A PAISAGEM**

...

*As nossas memórias são a nossa vida. Por isso parece que vivemos tanto mais quanto menos esquecemos. Cheguei a escrever umas notas de diário numas agendas das Missões, mas, como sempre fui mais de começar coisas do que de completá-las, pouco adiantei em cada uma. E perdi-as. Assim, não sei em que dia te encontrei sozinha no “Asas”, nem sequer tenho a certeza de ter sido esse o Verão dos gafanhotos africanos. Mas penso que fora nesse ano que, no terceiro período, não conseguiras notas de quadro de honra. Eu, por acaso, fiz parte da lista, o que nem sempre acontecia. A Matemática e o Desenho atraíam-me, de vez em quando. Apesar da tua decepção, com que aliás já contavas, ao leres o meu nome aplaudiste e abraçaste-me.*

*Eu penso que não é nos maus momentos que se conhecem os amigos. Nesses é sempre fácil arranjar uma lágrima de comoção e fazer figura de bom samaritano. É quando alguém triunfa que aqueles que lhe querem bem provam a sua amizade, ficando felizes e sem sombra de inveja. Foi o que fizeste nessa manhã. E eu percebi que pertencia a um outro quadro de honra...*

Não sei até que ponto a terra onde se vive nos molda o espírito. Mas sei que Santa Maria estava cheia de gente boa, como tu, em contraste com a rudeza agreste da paisagem. Uma paisagem espantosa, e que tem de ser vista com olhos que não sejam os de quem entende que a beleza consiste apenas na harmonia das formas, segundo o conceito próprio. Porque a estética nesta ilha é outra, tendo pouco que ver com os padrões habituais nos Açores. E, se essa diferença não fosse razão suficiente para recomendar Santa Maria como visita de peregrino, ela basta-se por si mesma.

Uma das coisas que sempre mais me impressionaram nela foram as suas ribeiras muito fundas, de alturas assombrosas, quase assustadoras. Parecem repetições bíblicas do deserto de Judá, sem a presença de arvoredos que disfarce a aspereza e a vertigem como nas ribeiras do Nordeste, em São Miguel. Eu olhava-as com respeito e fascinação. Estão ali mais milhões de anos de história do que em qualquer outra parte nestas ilhas. Foram milhares de milénios em que o vento e a chuva varreram e lavaram, até à pedra, o solo que teimara em formar-se pela desagregação da rocha original misturada com o húmus de todas as plantas cujas sementes, nas asas do vento ou à boleia em aves de arribação, aportaram em Santa Maria.

O espectáculo da ribeira da Senhora dos Anjos, ou da ribeira de S. Francisco, por detrás da Vila, onde fui várias vezes de burro ao moinho, é avassalador. Os leitos destas e de outras, precipícios de penhascos e ravinas, não foram construídos por aquele fio de água que, mal se vendo, às vezes se vê no fundo. Nem pelas torrentes depois da chuva, mas pelas contracções geológicas que definiram a arquitectura da ilha. Plantas fantásticas, capazes de viver de quase nada, dão um leve sinal de vida. Aqui e ali, esparsas, por vezes em pequenos grupos, as **babosas**, nome com que foram rebaptizadas as piteiras (*Agave americana*), senhoras de todas as escarpas, são as únicas que se percebem ao longe. Quando os animais passam fome, as pessoas sofrem-na também. E foi por isso que, provavelmente pouco antes do ano de 1830, houve quem as plantasse em abundância, trazendo-as talvez das Canárias. Porque o gado morria à míngua e, do solo exausto e árido, já não brotava alimento que o sustentasse. Ao fim de alguns lustres Santa Maria voltava a ser uma terra onde jorravam o leite e o mel. Um e outro talvez os melhores destas ilhas, porque a pouca humidade das plantas produz mais gordura, e das flores silvestres obtêm as abelhas um sublimado néctar. E os barbeiros da minha Maia de São Miguel costumavam pedir a meu pai que lhes trouxesse um pedaço do escapo das babosas – o espigo, como lhe chamamos – para amaciarem as

navalhas. E servia também para que nele pegasse fogo a faísca da pederneira, em que os camponeses acendiam os seus cigarros de tabaco picado enrolado em folhelho. Mas tinham de o fazer sem serem vistos pelos fiscais dos isqueiros ou outro agente da autoridade, para evitarem uma multa de trezentos escudos, o que muitos deles não ganhavam num mês. É que, e deves lembrar-te disso, era preciso ter licença de isqueiro para acender lume fora de casa sem ser com fósforos.

Nesta ilha a paisagem é como que um resumo da geografia universal. Será difícil encontrar outro pedaço da Terra que, em menos de cem km<sup>2</sup>, seja tão variado. Aqui tudo parece reproduzido ou imitado. Há desfiladeiros e planície, deserto e mata cerrada. As arribas do Tagarete e a areia branca de São Lourenço e da Praia. E o improvável Barreiro da Faneca, cicatriz vermelha dos milhões de anos de idade daquele solo, um desafio ganho por uma imaginação delirante. Mas foi sobretudo da Flor da Rosa que saiu **barro** para as outras ilhas, e que, juntamente com a cal, era uma das raras exportações, tirando a urzela e o trigo dos primeiros tempos. Um alvará de 20 de Maio de 1649 mandou que do seu imposto, ou finta, de 25 réis por cada carro exportado, fossem pagos os artilheiros dos fortes e a manutenção destes. (A receita das primeiras duas dezenas e meia de carros, mais ou menos, terá sido para pagar as despesas do próprio alvará régio, que foi de 540 réis, sem contar com os catorze que recebeu cada oficial presente.) Uma provisão do Desembargo do Paço, de 5 de Dezembro de 1743, dispôs que o escrivão recebesse o ordenado também do seu rendimento. Outra provisão, de 27 de Janeiro do ano seguinte, recorreu a ele para o encanamento da água até ao chafariz da Vila. E, em 1830, uma portaria de 20 de Outubro ordenou que ainda do mesmo imposto se pagasse às amas dos expostos, que em 1850 viriam a ser, além da ama da roda, vinte e duas de leite para vinte e três crianças abandonadas, ou bem entregues, conforme se queira entender a pobreza das mães e a caridade pública.

Apesar das suas enormes fracturas, Santa Maria não sobe a grandes altitudes. O Pico Alto, o cume mais elevado dos Picos – aqui muitos dos nomes são simples, dizendo de imediato aquilo de que se fala, sendo neste caso a serra e o seu monte-mor – chega apenas aos 587 metros. Mas de qualquer parte se os avista a todos bem nítidos, chão que se levanta sem aviso. E do Alto a ilha inteira se revela.

Para os lados da **Maia** caem as encostas de Su-sueste, cobertas de vinha aconchegada entre pedras negras, que a aquecem e em parte a alimentam também. Lembra-te de eu ter dito que esta é a ilha dos cheiros fortes? Pois ali logo se percebe a razão por que àquele tipo de uvas se chama “de cheiro”. E já no tempo do Dr. Gaspar Frutuoso o seu vinho tinha fama de ser o melhor da ilha. Este lugar de delícias deve o seu nome a Catarina Fernandes, conhecida por a Maia, pois era filha de João da Maia, pioneiro de roças e arroteias. Lá no alto, onde só verdadeiramente a serra acaba porque o mar começa, fica a Ponta do Castelo, com um dos mais belos faróis de Portugal, o de Gonçalo Velho, avisando há oito décadas os navios que passam de que devem passar ao largo. Quando as excursões regressavam das provas do vinho novo, uma brincadeira muito frequente era descerem alguns passageiros e, sem nenhuma pressa, apanharem uns cachos de uvas, voltando, devagar, para o autocarro que o declive obrigava a ser ronco, ameaçando parar a cada curva.

Mas uma viagem a **São Lourenço** é que era o passeio por excelência. Pelas distâncias da ilha ficava em Cascos de Rolha, embora a Maia fosse mais longe ainda. A qualidade das uvas e do vinho equivalem-se, e a paisagem também. Mas São Lourenço tem a dar-lhe mais luz e mais cor a concha onde está desenhado, o que resta de uma cratera que terá sido das maiores de quantas serviram de forja a estas ilhas. E as vinhas, na ladeira da encosta, estão do mesmo modo postas em quartéis de pedra negra. O mar exhibe-se numa transparência de teia de aranha, com uma mistura de cores a que é difícil dar nome. Ao fundo, a ermida de Jesus, Maria,

José completa o quadro que disputa a muitas das paisagens açorianas o direito de servir de apresentação das ilhas.

Por detrás dessa ermida talvez se encontrem ainda os restos de um meteorito que vi cair numa tarde de Verão. Estava, com minha mãe e minha irmã, sentado no balcão da casa de São Pedro do Sr. Armando Monteiro, onde, sem nos ser pedida renda, morámos durante quase quatro anos. A sua cozinha é a que Domingos Rebelo pintou num dos seus quadros mais famosos. Que pena ter sido destruída pelos novos donos! Olhávamos por acaso para o lado dos Picos, quando, apesar do sol muito forte, vimos um traço de fogo no céu totalmente azul. Corria de Sul para Norte e desapareceu na direcção de São Lourenço. O meu tio Agostinho, que fora passar uns meses connosco, saíra nesse dia para ir pescar com uns amigos. Quando chegou a casa, disse que vira uma bola de fogo cair muito perto de si, por detrás da ermida. Ele quis ir ver, mas o vinhateiro do prédio, de que faz parte aquela igreja e um velho solar, não autorizou.

Chegava-se e saía-se de São Lourenço por um caminho menos retorcido que o da Maia, mas quase tão pendente como ele. Assisti uma vez a uma aposta de uns amigos do Dr. Pessoa. Um deles garantia que era capaz de subir com o carro em segunda. Vazio, claro. Era uma furgoneta razoavelmente forte. Depois de bem acelerada meteu o nariz na rampa, fazendo-se à subida com muito ânimo. Demorou poucos metros, o entusiasmo. O motor começou a resfolegar, estremeceu, calou-se. Foi-se abaixo e para baixo voltou.

In Santa Maria Ilha-Mãeed VerAçor 2007 [REGRESSAR](#)